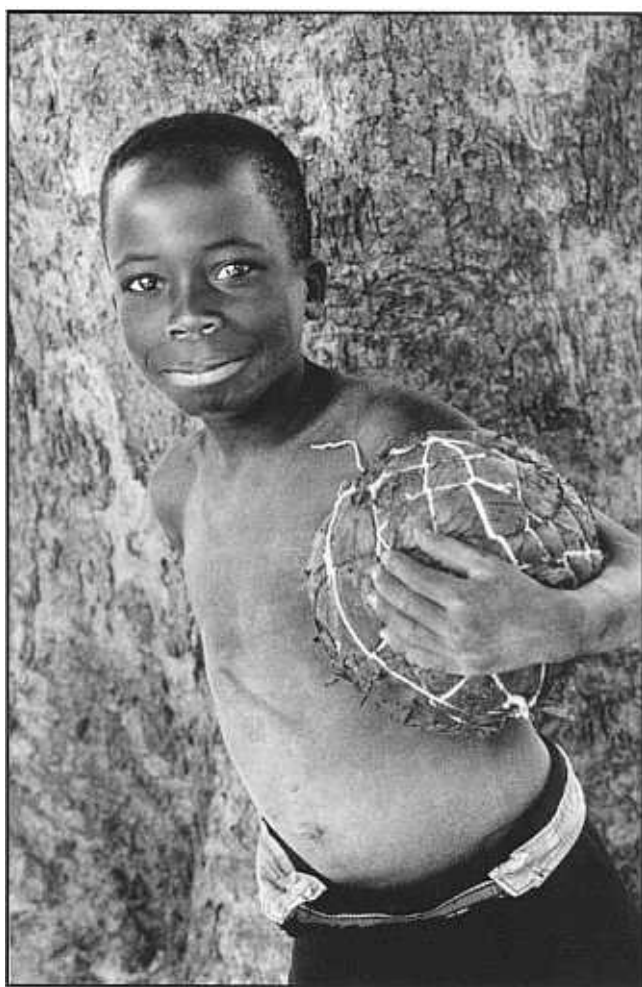


Uma bola de esperança



Corre, chuta, pega! Ali, na trave não, não!! pela direita...

– Fora, saiu fora, não pode marcar, já estava impedido.

Os rostos dos meninos estavam brilhando de suor, e os olhos soltavam faíscas de raiva por terem perdido o chute, sem fazer o gol. Marcel, o mais alto, era fanático por jogos de bola e aprendera futebol com soldados brasileiros que atuavam nas Forças de Paz da ONU, em Angola. O menor era chamado Cabindo. Não se sabia se esse era seu nome ou um dos muitos apelidos que os refugiados recebiam nos campos por onde passavam. Ali estavam crianças de Ruanda, Angola e Moçambique. Uns fugidos do recrutamento militar forçado, outros refugiados de guerras, e havia também crianças que fugiam dos maus-tratos ou da superexploração do trabalho infantil.

Esse já era o terceiro campo de refugiados que abrigava Marcel. Ele amava jogar e ler. Qualquer papel que passasse por ele era aproveitado, com volúpia. Ler era seu grande prazer; escrever histórias, notícias, ou mesmo descrever a natureza, era seu sonho de futuro.

Quando seu avô era vivo, contava histórias fantásticas de seus antepassados, que ele repetia aos amigos ou em silêncio para si mesmo, com medo de esquecer os detalhes antes de poder escrever e deixar as histórias para outras pessoas.

Cabindo, Bindo ou Cainho, ao contrário, adorava embrenhar-se pelo mato, em busca de insetos, plantas e bichos. Só saía dessas aventuras para jogar bola. Era muito falante e passava o dia conversando consigo mesmo e rindo sem parar. Tudo era engraçado para ele.

– Droga! – disse Marcel. – Se a bola tivesse entrado, a gente poderia ganhar o pacote de materiais escolares que estava sendo sorteado entre os grupos de alunos do Papai, o monitor do campo – lágrimas surgiram naqueles olhos redondos que pareciam uma enorme cabeça-de-negro, uma frutinha do mato que ele comia toda vez que a encontrava na beira do grande lago.

Cabindo riu e procurou distrair o amigo.

– Agora – disse, – acho melhor você deixar de sonhar em escrever e me acompanhar na

caçada aos escaravelhos. Se vier comigo, vou ensiná-lo a fazer papel com as folhas verdes da mandioca.

- Não dá, estou muito nervoso com tudo o que Kabê fez no jogo. Viu como ele enrolou as fibras de palmeira nos pés para chutar com mais força? Isso não vale! – exclamou.
- Claro que vale, não se lembra do que o João do Brasil disse do sapato usado para jogar? Como se chama? – perguntou Bindo, tentando lembrar as histórias contadas pelo soldado.
- Chuteira – disse Marcel, – com uns pinos na sola para não escorregar no mato molhado. Mas todos do jogo usam. Aqui, ele usou sozinho, ninguém sabia disso.
- Tá certo, no próximo jogo todos vamos usar, para melhorar o time – ponderou conciliando o amigo.

Saíram andando pelo lugar e gingavam o corpo como se estivessem levando uma bola no pé. A tarde já estava terminando e um céu lindo se abria sobre a cabeça dos refugiados pequeninos e grandes. Era um dos momentos em que os islâmicos voltavam-se para Meca para rezar. Muitos estavam ajoelhados beijando a terra sagrada. Outros olhavam o céu e as estrelas cadentes. Marcel não sabia nenhuma reza. Sempre ficava sem jeito quando as orações começavam. Não pertencia a nenhum dos grupos e, às vezes, sentia-se isolado nessas horas. Bindo, ao contrário, conhecia as diferentes rezas e, quando o medo ou o perigo apareciam, rezava para todos os deuses.

- Por que você reza para todos os deuses? – perguntava Nana Flor, sua mais antiga amiga, quando assistia à cena.
- Não sei qual o melhor e, desse modo, aquele que puder ajudar vai fazê-lo, sem constrangimento, só por minhas rezas.
- Mas todos os deuses acham que você é malvado! Você espeta os bichinhos. Arranca suas perninhas e, às vezes, até come todos eles – dissera a menina na última vez.
- Todos não! Só formigas saúvas que têm uma bunda grande. Fritas ou assadas são muito boas – respondera naquela ocasião.
- Não gosto – dissera-lhe Nana Flor. – Só como quando não tem mais nada, mas peço desculpas a elas, enquanto as mastigo. Prefiro algumas plantinhas, que são mais saborosas.
- Elas não têm proteínas e, assim, vamos ficando muito fracos. Nem conseguimos aprender a ler e a rezar – respondia o menino, com um sorriso maroto no canto da boca.

Marcel olhava o amigo, com certo encantamento. Parecia muito corajoso! Olhou-o nos olhos e perguntou:

- Você não tem medo? O que sonha nas noites de chuva, quando grita forte?
- Tenho medo da morte. Quero viver muito e cada vez que chove lembro do campo de Kigali, quando me escondi num grande cano de esgoto e percebi que estava cheio de corpos e de ratos. Só de pensar sinto arrepios. Agüentei toda a noite e fiquei conversando, como se fosse com minha mãe e meu pai. Eles contaram muitas histórias até amanhecer.
- Por isso você fala sozinho!

- Acho que sim. A voz de minha mãe ficou muito forte em meus ouvidos. Quando tenho medo, escuto ela dizer:
- Filhinho, viva! Fique bem! Tudo vai dar certo.
- Vai mesmo – disse Marcel. – Temos de ficar juntos e aprender de tudo. Nossa terra ainda será de paz.
- O pior são as minas. O soldado do Brasil vai nos ensinar como encontrá-las. Se um dia conseguirmos voltar para nossa terra, vamos plantar tantas árvores quantas minas forem encontradas.

Durante duas semanas aguardaram o soldado chegar. Quando avistaram o homem, perceberam que ele estava acompanhado de um grupo de pessoas. Seriam as autoridades da paz? Uma grande esperança tomou conta dos dois.

O soldado João apresentou a eles um fotógrafo e uma jornalista. Ambos pretendiam registrar a dor que estavam sentindo. Mas, quando resolveram mostrar tudo o que existia por ali, Cabindo pensou que seria melhor os lagos, os rios, as plantas e não apenas a morte.

- Nós estamos vivos – disse o menino. – Queremos que você mostre para o mundo que, apesar de tudo, estamos vivos e queremos viver.
- Eu também – disse Marcel. – Mostre às crianças do mundo que ainda existimos e que jogamos futebol com a bola de borracha amarrada com fibras e que seremos ainda campeões da alegria de viver e de possuir um lugar na África.

FOTO Criança angolana deslocada para Cazombo. Província do Alto Zambeze, Angola, 1997.

MAPAS n. 9 A cidade de São Paulo: concentração de cortiços, favelas e auto-construções ■ n. 10 Megacidades e populações em movimento no planeta.

LIVROS ALTO Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. *A situação dos refugiados no mundo – 1997/98. Um programa humanitário*. Lisboa, 1998 ■ HARROFF-TAVEL, Marion. La acción del Comité Internacional de la Cruz Roja ante las situaciones de violencia interna. *Revista Internacional de la Cruz Roja*. Ginebra, 1993 ■ RESPECT for International humanitarian law. ICRC review of five years of activity (1987-1991). Geneva, 1991 ■ SWINARSKI, Christophe. *Direito internacional humanitário*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

FILMES *Pixote, a lei do mais fraco* (1980, Héctor Babenco) ■ *Central do Brasil* (1997, Walter Salles).

TRABALHO INFANTIL

A divulgação do relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) – *Situação Mundial da Infância 2000* – reabre a discussão sobre as causas da miséria que atinge quase

meio bilhão de crianças no mundo todo. O Brasil ocupa posição de destaque negativo nas estatísticas do Unicef, com 21 milhões de brasileiros, com menos de 18 anos de idade, vivendo em lares onde a renda *per capita* é igual ou menor do que meio salário mínimo. As conseqüências desse padrão de renda são conhecidas: 120 mil crianças morrem anualmente antes de completar um ano e, dessas, 57 mil morrem antes da primeira semana de vida.

O Unicef alertou no relatório que a renda *per capita* familiar desses 21 milhões de brasileiros carentes chegou próximo a US\$ 40/mês, porque 2,9 milhões de crianças entre 5 e 14 anos estão trabalhando. Na faixa etária entre 10 e 16 anos a situação piora: são 5,7 milhões de pequenos trabalhadores nessa idade.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), cerca de 250 milhões de crianças entre 5 e 14 anos trabalham em horário integral ou meio período. Desse número, 61% estão na Ásia, 32% na África e 7% na América Latina; se considerarmos o número de crianças de cada continente, os índices alteram-se: 41% das crianças africanas trabalham, 22% das asiáticas e 17% das crianças latino-americanas.

Dentre as atividades realizadas por crianças, encontram-se as mais degradantes e perigosas: prostituição, pornografia, ações militares, trabalhos em minas. Além disso, é preciso levar em conta o trabalho doméstico de natureza não-econômica, realizado, principalmente, por meninas.